Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.979
ESTUDOS BÍBLICOS

Os samarit*a*nos e a história de sua origem

The samaritans and the story of their origin

Omar João da Silva*

* Doutor e Mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo). Docente na Faculdade Evangélica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
omar.adbelem@gmail.com

Recebido em: 20/06/2023
Aprovado em: 05/12/2023

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

As narrativas sobre a origem de um povo, de suas tradições, cultura, costumes, religião e outros, de alguma forma, sempre apresentam em seus enredos elementos apologéticos, aspectos de diferenciação, mitos, conflitos com outros povos, lutas por garantias e reconhecimento, etc. O presente artigo apresenta uma das narrativas sobre a origem dos samaritanos. A ênfase, contudo, recai sobre a história que os samaritanos contam sobre si. Para esse empreendimento utilizaremos como metodologia de análise, parte do discurso de três literaturas samaritanas – a Crônica Tolidah ou Neubauer, a Crônica Katib al Tarikh de Abu'l Fath e a Crônica Samaritana II -, e a narrativa bíblica, em que os samaritanos se veem como descentes de José, representados em Efraim e Manassés.

Palavras-chave: Samaritanos. Origem. Israelitas do Norte. Samaria. Monte Gerizim.

Abstract

Narratives about the origin of a people, their traditions, culture, customs, religion and others, in some way, always present in their plots apologetic elements, aspects of differentiation, myths, conflicts with other peoples, struggles for guarantees and recognition, etc. This article presents one of the narratives about the origin of the samaritans. The emphasis, however, is on the story the samaritans tell about themselves. For this undertaking, we will use, as an analysis methodology, part of the discourse of three samaritan literatures - the Chronicle Tolidah or Neubauer, the Chronicle Katib al Tarikh of Abu'l Fath and the Samaritan Chronicle II -, and the biblical narrative, in which the samaritans see themselves as descendants of Joseph , represented in Ephraim and Manasseh.

Keywords: Samaritans. Origin. Northern Israelites. Samaria. Mount Gerizim.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

Dentre os diversos povos descritos na narrativa bíblica, especialmente do Primeiro Testamento, em que há pouco interesse em matéria de pesquisa e estudo, deparamo-nos com os "samarit*a*nos" ou os "israelitas do Norte", ou como seus ancestrais eram chamados

e como ainda hoje preferem ser conhecidos, os "samari*t*anos-israelitas"[1], ou simplesmente "Israel" (KARTVEIT, 2009, p. 22). Geralmente, também se autodesignam como "*shamerim*"/"*shomerim*", i.e., "guardiões"[2], conforme atestam muitos estudiosos/as (por exemplo, ONVLEE, 2013, p. 3; SHORCH, 2005).

Essa omissão observada na maioria das realidades acadêmicas, seja a relacionada à pesquisa histórica e/ou bíblica, sugere-nos que a história de Samaria e dos samari*t*anos sofreu tanto por negligência quanto por distorção. Essa característica sintomática é sumariada nitidamente em Mor (1989, p. 1), quando afirmou que: "As origens e a história inicial da seita samari*t*ana são vagas e problemáticas".

A preservação imperfeita dos próprios escritos dos samari*t*anos e, em muitas vezes, o seu caráter lendário, junto às raras citações bíblicas, a escassez da documentação epigráfica e as variadas interpretações a partir das declarações e escritos de Josefo são outros fatores que fortalecem o ostracismo ao estudo dessa importante população yahwista israelita do Norte.

Tanto a origem como o desenvolvimento dos samari*t*anos na pesquisa moderna são muito insipientes e discutidos. Comentar sobre o tema como estudioso bíblico é se colocar numa situação paradoxal. Se por um lado, há pouco interesse na Bíblia Hebraica pelos samari*t*anos, por outro lado, especialmente em pesquisas recentes, há um alto nível de sensibilidade em que os samari*t*anos nos tempos bíblicos, devem ter sido muito mais importantes do que a apresentação bíblica admitiria.

Entretanto, esse cenário mudou um pouco, graças às descobertas recentes, especialmente as das escavações realizadas em Samaria e no Monte Gerizim, que vieram aprimorar nosso conhecimento a fim de melhor elucidar a análise das reconstruções mais antigas e predominantes nas pesquisas acadêmicas, tanto sobre a história como sobre a religião da comunidade samari*t*ana durante as eras Persa à Hasmoneia[3].

Outro fator que tem contribuído para a mudança da esfera sobre o desinteresse ao estudo dos samari*t*anos, sua origem e história (embora, ainda muito morosamente) nos últimos anos, além dos resultados dos registros arqueológicos, são os trabalhos e escritos críticos de pesquisadores/as como Israel Finkelstein, Yuval Gadot, Yitzhaq Magen, Benedikt Hensel, Ingrid Hjelm, Gary Knoppers, Jan Dušek, Jonathan Bourgel, Étienne Nodet, Reinhard Müller, Reinhard Pummer, József Zsengeller, Benyamin Tsedaka, Vitor Almeida, Cecília Toseli e outros/as, sobre o reino de Israel Norte, especialmente sobre Samaria e o Monte Gerizim e, concomitantemente, sua população.

[1] Tsedaka (2011, p. 1-11) nos informa que atualmente os membros da comunidade rejeitam ser chamados de samari*t*anos, mas se definem como samari*t*anos-israelitas. Crown (1991, p. 18) diz que na visão samari*t*ana, eles afirmam em muitas de suas polêmicas com os judeus, que eles são os verdadeiros *Beney Yisra'el* - o Israel bíblico - e que eles não são samari*t*anos, mas "samarianos", "guardiões".

[2] Hjelm (2016, p. 2) argumentou que a designação "*shomron*" / "*shamrim*", foi uma mudança que aconteceu sob a égide persa em suas formas aramaicas, significando "guardar" e/ou "observar", conforme era o propósito de Samaria. A partir de então, os adoradores de YHWH construindo uma analogia religiosa, começaram a se denominar assim, uma referência à Lei (Torah), i.e., os "guardiões" e os "observadores" da Torah.

[3] Além das recentes descobertas arqueológicas, podemos também considerar as novas formas de abordar o texto bíblico, em que se questiona não o texto em si, mas, as interpretações que fazem dos mesmos, especialmente àquelas convencionalmente já consolidadas.

Este artigo pretende apresentar a história dessa importante comunidade, a partir das histórias narradas pelos próprios samari*t*anos, seja em sua literatura, seja pela narrativa bíblica ou pelas tendências das novas pesquisas sobre o assunto.

2 Principais teorias sobre a origem dos samari*t*anos

Atualmente e em termos gerais, há no mínimo três posições narrativas concorrentes sobre a história da origem dos samari*t*anos, a saber: (1) a da própria comunidade – eles são os sobreviventes da antiga população norte-israelita; (2) a da antiga comunidade judaica, largamente difundida pelos escritos de Josefo (imigrantes assírios ou a fusão entre imigrantes e nativos); e (3) a elaborada pelos estudiosos da crítica moderna (conferir ANDERSON, 2012, p. 7)[4].

A relatada, contada e disseminada por Josefo rendeu, no mínimo, três histórias sobre a origem dos samari*t*anos, quais sejam: (a) eles foram trazidos do Leste/Oriente (uma influência interpretativa de 2Rs 17.24-41); (b) eles foram expulsos de Jerusalém; e (c) eles eram sidônios (abordaremos esse relatos em outro momento e espaço).

É preciso e válido ressaltar que estas teorias largamente difundidas não consideraram a distinção entre "realidade histórica" e "realidade produzida", como elementos característicos de discursos e narrativas. Assim, é necessário e imprescindível diferenciar a leitura de algo produzido acerca dos samari*t*anos da leitura sobre os samari*t*anos.

Por isso, a recusa pelos samari*t*anos da expressão "samari*t*anos", encontra sua justificativa em face do que ela passou a representar, pois, parece fortalecer a caracterização da origem estrangeira da comunidade e a negação de sua pertença como Israel, conforme pretendiam os representantes do yahwismo em Jerusalém. A expressão é explicada ou embasada na interpretação particular de 2Rs 17.24-41; Ed 4.1-5 e em Antiguidades Judaicas de Josefo; uma referência aos colonos mesopotâmicos estabelecidos na região Norte, a partir de 722/20 a.C., pelos assírios.

3 O relato samari*t*ano sobre a história de sua origem

Da quase extinção, devido às centenas de guerras, conversões, fome, pobreza e terremotos (RIDOLFO, 2015, p. 20), a comunidade religiosa samaritana conta com 750 pessoas[5] aproximadamente, segundo Hjelm (2016, p. 1-2). Este dado coloca os samari*t*anos como uma das menores comunidades religiosas e étnicas do Oriente Médio.

[4] Brindle (1984, p. 2-3) aponta quatro posições sobre a origem dos samari*t*anos, segundo a proposta de Purvis: (1) a visão dos próprios samari*t*anos, que seu movimento é uma perpetuação da antiga fé israelita, como era praticada no período pré-monárquico em Siquém (ca. 1400-1100 a.C.); (2) a reconvenção do judaísmo, que o samaritanismo é uma heresia derivada de um culto corrupto de YHWH que se desenvolveu no Norte da Palestina, após a conquista assíria daquela área por volta de 722 a.C.; (3) uma interpretação baseada em Esdras, Neemias e Josefo, de que os samari*t*anos se separaram dos judeus no período Persa; e (4) a afirmação de que um cisma samari*t*ano ocorreu no início do período Grego.

[5] Tsedaka, em um artigo intitulado *The Israelite Samaritan,* descreve com riqueza de detalhes a composição da comunidade samari*t*ana entre os anos de 1948 a 2011, como segue: "Em 1948,

Atualmente, eles vivem em duas localidades distintas em Israel. Uma parte reside em Kiryat Luzah no Monte Gerizim, ao Sul de Nablus[6] e outra parte em Neveh Marqe, em Holon perto de Tel Aviv, estabelecida em 1954/55.

A comunidade samari*t*ana sempre se viu como os representantes do "verdadeiro Israel", do qual outros grupos se formaram e se separaram posteriormente. Crown (1991, p. 18) afirma que até hoje, a visão dos samari*t*anos sobre a sua origem é clara e consiste em: (a) afirmação de que são os verdadeiros *b^{e}ney Israel* (filhos de Israel); (b) negação ao epônimo "samari*t*ano" e aceitação de "samariano" (shomerim), isto é, os verdadeiros guardiões, o que mais tarde simbolizaria os preservadores da Lei (Torah) que os judaítas corromperam, dizem; e (c) adoradores de YHWH no monte sagrado Gerizim, em Samaritis (Samaria).

Nesta mesma linha de consideração, Kartveit (2019, p. 1) argumentou que os samari*t*anos de Israel e Cisjordânia traçam sua história até os tempos bíblicos, até o início do povo de Israel. Já Ridolfo (2015, p. 25) disse que eles traçam sua história até a época de Arão e se entendem como descendentes diretos das tribos do Norte de Israel, Efraim, Manassés e Levi. Eles ainda afirmam que sua origem remonta ao tempo dos juízes, tradicionalmente datado para o século XI a.C.

Para o samari*t*ano Tsedaka (2011, p. 1) os samari*t*anos israelitas são remanescentes de um povo antigo, descendente do antigo Reino de Israel, cujas tentativas de alcançar a paz entre o povo de Israel foram rejeitadas pelos líderes dos descendentes do Reino de Judá, os judeus israelitas. Já as evidências recentes enfaticamente supõem que os samari*t*anos foram os remanescentes dos israelitas do Norte, que permaneceram na terra depois que os assírios conquistaram o antigo Reino de Israel Norte e deportaram uma pequena parte de sua população[7].

As novas pesquisas também sugerem que além dos samari*t*anos reivindicarem a descendência de José (principal personagem), sua população era composta, de fato, pelos descendentes dos israelitas do Norte que habitavam os territórios associados às tribos de José, Efraim e Manassés no período do chamado Primeiro Templo.

Sobre o tema, Rendsburg (*apud* VENTER, 2003, p. 475) teoriza que uma comunidade israelita continuou ininterruptamente nas regiões da Samaria e da Galileia, independentemente da ocupação de suas terras por assírios e babilônios e das deportações de 733, 721, 597 e 586 a.C. O problema ou novidade da teoria de Redsburg é assumir que no período Babilônico, nas terras administradas por Samaria, há deportações e reassentamentos de estrangeiros.

a Comunidade Samari*t*ana contava com 250 pessoas: 192 em Nablus e 58 em Tel Aviv-Yafo. Em 1969, totalizava 414 pessoas: 227 homens e 187 mulheres. Em 1º de janeiro de 2011, a Comunidade contava com 745 pessoas, 350 em Kiryat Luza - Monte Gerizim, Samaria; 395 no Estado de Israel: 393 homens e 352 mulheres. Estes incluíram 336 pessoas casadas, 218 homens solteiros, 154 mulheres solteiras; 7 viúvos; 26 mulheres viúvas; 3 homens divorciados; 1 mulher divorciada" (TSEDAKA, 2011, p. 11, tradução nossa).

6 Nablus é a nomeação dada pelos árabes a cidade de Flávia Neápolis, fundada pelo imperador Vespasiano.

7 Knoppers (2013, p. 44) afirma que na região de Samaria, a maioria da população nativa israelita, aqueles que sobreviveram aos ataques assírios, permaneceu na terra.

3.1 A Crônica Tolidah ou Neubauer[8]

Do ponto de vista da literatura samari*t*ana, isto é, a história de si contada em suas Crônicas, elas são tardias (1346/1355 a.C.), e na verdade, pouco falam de si. A preocupação parece ser mais em relatar uma história da origem dos judaítas. Diante disso, Kartveit (2009, p. 22) diz que os samari*t*anos não precisam explicar sua origem, pois, se consideram descendentes do Israel original, ou seja, sua legítima descendência da população norte-israelita. Em contrapartida, a existência dos judaítas exige explicação e isso é encontrado nas Crônicas Samari*t*anas.

A Crônica Tolidah ou Neubauer considerada uma das mais antigas crônicas samari*t*anas, tem como objetivo fundamental defender as datas festivas, a linhagem sacerdotal e apresentar uma interpretação e compreensão da Torah e do personagem Moisés contra outros textos contidos nas versões judaicas. O texto dessa Crônica ficou conhecido a partir de um manuscrito datado de 1797 e um de 1859, e vários manuscritos posteriores. Segundo Kartveit (2009, p. 25) a maioria está escrita em hebraico híbrido, contendo muitos aramaísmos e arabismos.

3.2 A Crônica Kitab al Tarikh de Abu'l Fath

Esta Crônica é vista como aquela que contém o texto samari*t*ano mais antigo sobre a origem dos judaítas e também relata a origem do culto samari*t*ano:

> Foi nessa época que Josué construiu um altar de pedras no Monte Gerizim, como Deus Todo-Poderoso lhe havia dito; e ofereceu sacrifícios sobre ele. Metade das pessoas estava de frente para o Monte Gerizim, enquanto, a outra metade estava de frente para o Monte Ebal. Josué leu a Torá na íntegra na audiência de todo Israel, homens, mulheres e crianças e do estrangeiro que estava no meio deles (KARTVEIT, 2009, p. 29)[9].

Antes desse relato da origem do culto na montanha sagrada para os samari*t*anos, Kartveit[10] dispõe uma descrição que narra a origem dos judaítas, bem como a divisão e distinção entre os israelitas do Norte e Sul do antigo Israel. Vejamos:

> Uma guerra civil terrível eclodiu entre Eli, filho de Yafnı, da linhagem de Itamar, e os filhos de Finéias, porque Eli, filho de Yafnı, resolveu usurpar o Sumo Sacerdócio entre os descendentes de Finéias. Ele costumava oferecer sacrifício no altar de pedras. Ele tinha 50 anos, dotado de riquezas e encarregado do tesouro dos filhos de Israel. Ele continuou por um tempo reunindo um grupo ao seu redor, a quem disse: 'Eu sou aquele a quem é anátema servir uma criança. Eu não desejo (fazer) isso sozinho, e espero que você não concorde com isso'. Eles responderam como um grupo e disseram: 'Estamos ao seu comando e sob sua obediência: ordene-nos como achar melhor e não desobedeceremos.' Assim, ele os fez jurar que o seguiriam em todos os seus propósitos. Ele ofereceu um sacrifício no altar,

[8] Tem essa designação em razão de sua primeira publicação em 1869 por A. Neubauer.

[9] Ao que tudo indica, parece ser uma construção de Dt 27.4; Js 8.30–35; 24.1, e outros.

[10] Um relato semelhante, porém, ao nosso ver, mais completo e com mais detalhes sobre a origem dos judaítas, a partir do relato de Abu'l Fath, é disposto em Brindle (1984, p. 4-5).

> mas sem sal, como se estivesse desatento. Quando o Grande Sumo Sacerdote Uzzi soube disso e descobriu que o sacrifício não era aceito, ele o deserdou completamente; e é (até) dito que ele o repreendeu. Ali, ele e o grupo que simpatizavam com ele se revoltaram, e depois seus seguidores e seus animais partiram para Shiloh. *Assim, Israel se dividiu em facções*. Ele enviou aos líderes dizendo a eles: 'Quem quiser ver coisas maravilhosas, venha até mim'. Então ele reuniu um grande grupo em Shiloh e construiu um templo para si; ele construiu para si um lugar como o templo. Ele construiu um altar, sem omitir detalhes - tudo correspondia ao original, peça por peça. Agora, ele tinha dois filhos, Hofni e Finéias, que reuniram moças de aparência atraente e as trouxeram para o Tabernáculo que havia sido construído por seu pai. Eles permitiram saborear a comida dos sacrifícios e tiveram relações sexuais com elas dentro do Tabernáculo. Nessa época, os filhos de *Israel tornaram-se três facções: uma facção (leal) no Monte Gerizim; uma facção herética que seguia deuses falsos; e a facção que seguiu Eli, filho de Yafni, em Shiloh* (KARTVEIT, 2019, p. 2-3, tradução nossa, grifo nosso).

Importa, nesse primeiro momento, notar a percepção que os samari*t*anos possuem de si e a cobertura abrangente de "ser um israelita". Embora a narrativa da origem esteja relacionada mais aos judaítas do que propriamente aos samari*t*anos, estes, no que lhes concerne, não ignoram a pertença aos grupos dissidentes de se reconhecerem como israelitas e de serem considerados assim.

Por um lado, parece factível que Abu'l Fath tinha conhecimento prévio de 1Sm 1-3, e seu relato é um contra-argumento aos relatos de Josefo sobre a origem dos samari*t*anos e do Templo no Monte Gerizim. Por outro lado, também é notável o caráter propagandista e apologético, quando apresenta os judaítas como um grupo dissidente e que fez surgir uma nova religião ou forma de cultuar a YHWH, ou seja, o judaísmo.

A narrativa samari*t*ana de Abu'l Fath mostra-se relevante pelas seguintes razões:

- Como descendentes de José, respectivamente em Efraim e Manassés, os samari*t*anos assumem não ser nem representar toda a população do antigo Israel Norte;
- Ao descrever o litígio religioso entre Uzzi e Eli, os samari*t*anos reforçam a ideia de serem os legítimos guardiões e preservadores da Lei (Torah) e do culto primitivo e oficial a YHWH;
- Em Josué, a comunidade samari*t*ana encontra uma de suas tradições fundantes, principalmente para a origem e legalidade do culto no Monte Gerizim;
- Há um embate com a cidade sagrada de Siquém, não deixando muito claro o reconhecimento como o espaço mais antigo de culto a YHWH. Talvez, estamos diante de uma evidência de conflitos internos de samari*t*anos yahwistas;
- Os samari*t*anos acusam os judaítas daquilo que constante e costumeiramente foram e são acusados – idólatras, sincréticos e composição étnica mista;
- Por último, embora outras possibilidades possam ser percebidas, o relato de Abu'l Fath indica como provavelmente as primeiras tradições do Norte chegam ao Sul. Cópias da Lei foram confiscadas e levadas pelo sacerdote Eli.

3.3 Crônica Samari*t*ana II

Anderson ao lidar com a história da origem dos samari*t*anos, apresentou a narrativa da Crônica Samari*t*ana II, como segue:

> Nos dias de Omri, um homem da comunidade dos israelitas samari*t*anos, da tribo de Efraim, filho de José, foi comprar Samaria a Shemer por dois talentos de prata; e ele fortificou a cidade e chamou seu nome pelo nome de Shemer; o dono da colina de Samaria. Anteriormente, era uma fortaleza pertencente à comunidade de Jeroboão, filho de Nebate, que os amonitas a havia descartado e demolido. Agora este nobre foi comprá-la e depois começou a reconstruí-la. Assim ele e seu povo, descendentes de Efraim, filho de José, habitaram nele e em todas as cidades ao redor. Eles chamaram seu nome e o nome das cidades que a circundavam Har Shomron. Os israelitas que moram nessas cidades foram nomeados Shomronim, em homenagem ao nome Shomron e suas cidades (ANDERSON, 2012, p. 20, tradução nossa).

Ao que tudo indica, essa é a única Crônica Samari*t*ana que se ocupa em discursar sobre a história da origem dos samari*t*anos. Entretanto, é válido dizer que a narrativa não fala sobre o surgimento da comunidade em si, mas do termo e da designação "samari*t*ano". Esse relato da Crônica Samari*t*ana encontra seu paralelo na narrativa da Bíblia Hebraica em 2Rs 16.23-24.

Diante do exposto, é atribuído a Omri tanto a fundação de uma cidade - Shemer -, como a nova designação aos seus habitantes, os descendentes de Efraim, de "*shomron*" ou "*har shomrom*" em sua forma plural "*shomronim*". Tais alegações, portanto, querem reiterar que os samari*t*anos também são israelitas originários e verdadeiros.

Observando ligeiramente essas Crônicas Samari*t*anas, é possível observar uma ideia central. Trata-se da exigência dos samari*t*anos em serem etnicamente vistos e considerados verdadeiros israelitas e, no que diz respeito ao elemento religioso, não dissidentes ou oriundos do judaísmo.

4 Os samari*t*anos como descendentes de José

Como já dito em linhas anteriores, os samari*t*anos se veem como descendentes de José, representados na genealogia de seus filhos Efraim e Manassés. Ao se identificarem assim, podemos dizer que não há nada de inocente ou despretensioso nessa requisição.

A partir da narrativa bíblica, mostraremos que esse recurso dos samari*t*anos tem como pressuposto enfatizar sua superioridade em relação aos judaítas. Desta forma, estamos diante de uma tentativa de se sobressair, se destacar e notabilizar-se. É provável que essa tendência tenha se popularizado e ganhado força no período em que ambas as comunidades, isto é, samari*t*anos e judaítas sofria seus primeiros estranhamentos e a relação começava a sofrer os seus primeiros desgastes, a partir do final do século III e início do século II a.C.

5 Os personagens José e Judá

Não há espaço nem tempo para nos ocuparmos sobre a questão da historicidade de ambos os personagens. O alvo de nosso interesse, portanto, é perceber o valor simbólico, enxergar a intencionalidade e caráter representativo da narrativa que envolve José e Judá na perspectiva samarit*a*na.

A disposição abaixo nos auxiliará, por meio do método comparativo, a compreender melhor o que queremos abordar

José	Judá
Filho de Raquel, a mulher amada de Jacó (Gn 30.21-24	Filho de Lia, a mulher dada a Jacó em lugar de sua amada Raquel (Gn 29.22-25, 35).
Filho predileto de Jacó (Gn 37.3).	Alcança proeminência em razão da maldição paterna sobre os irmãos mais velhos (Gn 49.3-7).
Dotado de dons proféticos (Gn 37.5-11).	Desprovido de dons proféticos.
Torna-se primeiro-ministro no Egito (Gn 41.40).	Não assume nenhuma posição de destaque e foi quem projetou o plano para vender José (Gn 37.26-27).
Casa-se com uma filha de um sacerdote influente do Egito (Gn 41.50-52).	Casa-se com uma mulher cananéia, com quem tem três filhos, dos quais dois morrem, por fazer mal aos olhos de YHWH (Gn 38.3-5, 7-10).
Efraim e Manassés, filhos de José, recebem a bênção de Jacó (Gn 48.5, 15-16). José também recebe uma bênção (Gn 49.22-26) – uma tríplice bênção.	É abençoando por Jacó (Gn 49.8-12) – uma única bênção.
Foge para não se relacionar ilicitamente com a esposa de Putifar (Gn 39.7-12).	Relaciona-se ilicitamente com a sua nora Tamar (Gn 38.12-19) e esta dá a luz aos gêmeos Faréz e Zara (Gn 38.29-30).

Nesse comparativo podemos encontrar dois elementos igualitários para ambos os personagens. Os dois eram filhos de Jacó e se casaram com mulheres estrangeiras. No caso do casamento com estrangeiras, José não tinha muito o que fazer; situação muito diferente de Judá, que poderia escolher casar-se com mulheres de sua tribo, porém, não o quis.

Do ponto de vista das desigualdades, os samarit*a*nos apresentam três aspectos da descendência impura dos judaítas. O primeiro aspecto é o fato de Judá ser o filho da mulher menos favorecida, não amada e não solicitada por Jacó, Lia. Já José é o filho amado e da mulher amada, Raquel. Logo, Judá é um dos filhos do engodo e do engano.

O segundo aspecto está relacionado com os descendentes de Judá, Farés e Zara. Ambos são frutos do relacionamento ilícito de Judá com a nora, Tamar. Os filhos de José, que lhe nasceram no Egito, Efraim e Manassés são estrangeiros, filhos de uma egípcia de nome Azenat que, por sua vez, era filha de Putifar, sacerdote de On.

Todavia, os filhos de José são frutos de um casamento legítimo e permitido, enquanto, os de Judá são resultados de desobediência e prazer fortuito. O terceiro e último aspecto é, portanto, a tentativa de apresentar os judaítas como caananitas mistos.

Olhando os capítulos 37 e 38 superficialmente, eles parecem estar descontextualizados ou fora de ordem na narrativa. Entretanto, no capítulo 37, a história é sobre José, mostrando-o como alguém de reputação ilibada e de caráter irrepreensível, ao menos na compreensão e intenção do redarot/compilador. Já o capítulo 38 é totalmente o inverso e o personagem principal, desta vez, é Judá. A imagem representada é de alguém detentor de um caráter duvidoso, temerário, injusto, violento, etc.

Analisando a lógica narrativa, os samari*t*anos sorrateiramente pretendem elevar o caráter de José em relação a Judá. Com isso, quando os samari*t*anos reivindicam descendência de José, eles estão, na verdade, evidenciando uma das diferenças marcantes entre ambas as comunidades. A intenção, portanto, aponta para o caráter de samari*t*anos e judaítas.

Em outros textos bíblicos (por exemplo, Nm 1–26; 14.6-10; 26.22, 34-37; 36 etc.) é possível perceber mais pontos de proeminência dos estabelecidos do Norte sobre os do Sul, embora desta vez, ambas sejam favorecidas. Em relatos presentes nas narrativas de Êxodo-Deuteronômio, especialmente em Números, por exemplo, Judá sempre aparecerá numa posição secundária em relação a José[11], em proporções numéricas.

Dito isso, as narrativas de diferenciação entre os personagens José e Judá, serve para legitimar e reivindicar a origem samari*t*ana. Também serve ao propósito de primazia, bem como a afirmação de serem legítimos israelitas.

Em face das considerações e análises feitas até aqui, é possível admitir que os samari*t*anos não é um grupo de dissidentes, uma seita ou uma ramificação do judaísmo, mas um grupo de nativos, sobreviventes, remanescentes e adoradores de YHWH, desde o fim do antigo Reino de Israel Norte para os assírios.

As pesquisas e desccobertas recentes atestam que eles mantiveram, preservaram e conservaram sua cultura material, religiosa e suas tradições. Eles também constituíram o Monte Gerizim como o seu local de culto oficial a YHWH.

6 Considerações finais

A história da origem dos samari*t*anos contada pela própria comunidade, assevera-nos que esta população merece mais atenção do que realmente lhe foi dada. Eles com a sua religião, tradições, cultura, costumes, etc., evidenciam que o fim do antigo Reino de Israel Norte não foi, nem representou o fim de sua população.

A sua reinvidicação de quererem ser reconhecidos como "israelitas", também tem muito a nos dizer. Em primeiro lugar, os samari*t*anos foram muito mais importantes do que muitos intérpretes da Bíblia admitem. Em segundo lugar, os samari*t*anos são os sobreviventes da antiga população norte-israelita, que por séculos mantiveram e preservaram suas tradições, cultura e religião, principalmente a sua devoção e veneração a YHWH.

[11] Nesta mesma linha de considerações, Bergsma (2019, p. 294) afirma que a narrativa pentateucal de Êxodo a Deuteronômio tende a valorizar a tribo de José acima da de Judá.

Em terceiro e último lugar, a recusa da comunidade samari*t*ana ao termo "samari*t*ano", legitima-se em razão de sua atribuição depreciativa, aviltante e pejorativa, em que se tenta acentuar as origens estrangeiras da comunidade, bem como, pela tentativa de negação de pertença ao chamado "Israel de YHWH".

Logo, e a partir destas informações, é possível afirmar que os samari*t*anos, embora pertençam, não representam toda a população norte-israelita, senão o grupo que pertenceram às tribos de Efraim e Manassés, filhos de José.

Voltada nossa atenção à literatura samari*t*ana, na Crônica Samari*t*ana Tolidah ou Nebauer, marcado por seus inúmeros aramaísmos e arabismos, além de tardia (1346-1355 d.C.) está mais preocupada em relatar a origem dos judaítas. A intenção, portanto, é acentuar que a origem samari*t*ana não precisa de explicações, pois são os descendentes do verdadeiro e originário Israel. Outra preocupação desta Crônica é defender as datas festivas, a linhagem sacerdotal e contrapor as interpretações sobre a Torah e Moisés das versões judaicas.

Já a Crônica Kitab al Tarikh de Abu'l Fath considerada a que contém o texto samari*t*ano mais antigo, além de narrar a origem dos judaítas, relata a gênese do culto samari*t*ano. Nela a separação entre Norte e Sul de Israel dá-se por questões religiosas, entre Eli e o Sumo Sacerdote Uzzi, um dos descendentes de Finéias. Eli é acusado de usurpar o Sumo Sacerdócio. Há uma divisão em três grupos, contudo, os samari*t*anos não negam a pertença à designação "israelitas" aos judaítas, mesmo considerando-os idólatras, sincréticos e mistos.

Ao que tudo indica, a única literatura samari*t*ana que se ocupa em descrever uma história da origem dos samari*t*anos, é a Crônica Samari*t*ana II. Ela, todavia, não narra a origem da comunidade, mas a origem do nome samari*t*anos, que se deu mediante a compra da Colina de Samaria, antes pertencente à família de determinado Shemer por Omri. Entrementes, esta parece ser uma tendência iniciada a partir do final do século III e início do II a.C., quando as relações entre yahwistas do Norte e Sul do antigo Israel começam a sofrer seus estranhamentos mais agudos.

A leitura bíblica de Gn 37–38 aponta para uma aspiração samari*t*ana, pois trata dos personagens José e Judá respectivamente, em que se tenciona apontar o caráter de samari*t*anos e judaítas.

Diante de tudo que aqui foi disposto, adotamos neste artigo a premissa de que os samari*t*anos não é um grupo de dissidentes, tampouco uma seita ou ramificação do judaísmo. Antes, são os descendentes da antiga população norte-israelita, que sobreviveram à conquista assíria em 722/20 a.C. Eles são os remanescentes adoradores de YHWH no Norte, que preservaram e mantiveram suas tradições, cultura e religião, e estabeleceram o Monte Gerizim, como o seu lugar oficial de culto.

Referências

ANDERSON, Robert A.; TERRY, Giles. *The Samaritan Pentateuch*: an introduction to its origin, history, and significance for Biblical Studies. Atlanta: SBL, 2012.

BERGSMA, John S. A Samaritan Pentateuch? The Implications of the Pro-Northern Tendency of the Common Pentateuch. *In:* ARMGARDT, Matthias; KILCHÖR, Benjamin; ZEHNDER, Markus (Eds.). *Paradigm Change in Pentateuchal Research*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2019. p. 287-300.

BRINDLE, Wayne A. The Origin and History of the Samaritans. *Grace Theological Journal*, Winona Lake, v. 5, n. 1, p. 47-75, 1984. Disponível em: https://digitalcommons.liberty.edu/sor_fac_pubs/72/. Acesso em: 1 jan. 2019.

CROWN, Alan D. Reading the Schism between the Judeans and the Samaritans. *The Jewish Quartely Review,* Philadelphia, v. 82, n. 1/2, jul./oct., 1991, p. 17-50. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1455003?seq=1/. Acesso: em 1 mar. 2019.

HJELM, Ingrid. Samaritan. *In:* SELDEN, Daniel L.; VASUNIA, Phiroze (Eds.). *The Oxford Handbook of the Literatures of the Roman Empire.* Oxford: Oxford Academic, 5 oct. 2015. Disponível em https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199699445.001.0001/oxfordhb-9780199699445-e-24/. Acesso em: 1 ago. 2019.

KARTVEIT, Magnar. *The Origins of the Samaritans*. Leiden: Brill, 2009.

KARTVEIT, Magnar. Theories of the Origin of the Samaritans - Then and Now. *Religions*, Stavanger, v. 10, n. 661, p. 1-14, https://www.mdpi.com/2077-1444/10/12/661/. Disponível em: https://www.mdpi.com/2077-1444/10/12/661/. Acesso em: 15 mar. 2022.

KNOPPERS, Gary N. *Jews and Samaritans:* the origins and history of their early relations. New York: Oxford University Press, 2013.

MOR, Menachem. Samaritan History. *In:* CROWN, Alan D (Ed.). *The Samaritan*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1989. p. 1-18.

ONVLEE, Ian. *The Jews and the Samaritans*. 24 ago. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/4397734/Samaritans_and_Jews_Fact_and_Fiction_Volume_I/. Acesso em 01 ago. 2020.

RIDOLFO, Jim. *Digital Samaritans*: rhetorical delivery and engagement in the digital humanities. San Francisco: University of Michigan Press, 2015.

SCHORCH, Stefan. The Origin of the Samaritan Community. *In:* MAJEWICZ, Alfred F (Ed.); GACA, Maciej; MAJEWICZ, Elzbieta (Ed. assist.). *Linguistic and Oriental Studies from Poznan*. Poznan: Adam Mickiewicz University Institute of Oriental Studies, 2005. v. 7, p. 7-15. Disponível em: http://www.schorch.at/SchorchSt2005_The_Origin_of_the_Samaritan_Community.pdf/. Acesso em 01 set. 2019.

TSEDAKA, Benyamim. The Israelite-Samaritans. A. B. *Institute of Samaritans Studies,* Holon, 2011. Disponível em: www.theSamaritanUpdate.com. Acesso em: 20 abr. 2021.

VENTER, Pieter M. Northern traditions in second century BCE literature. *Old Testament Essays,* Pretoria, v. 16, n. 2, p. 464-488, 2003. Disponível em: https://journals.co.za/doi/epdf/10.10520/EJC85553. Acesso em: 1 set. 2019.